

Grupo de Estudos Psicanalíticos
Rio de Janeiro - Brasil
Filiado à International Psychoanalytical Association

Organização:
VJS ASSESSORIA DE EVENTOS

IMPRESSÃO:

Gráfica e Editora
Tel: 283-0493
Fax: 253-4997

IX Encontro Latino Americano sobre o Pensamento de

D. W. Winnicott



O Homem e Seu Ambiente:
Encontros e Desencontros

20 a 22 de outubro de 2000
Colégio Brasileiro de Cirurgiões - Botafogo - RJ

ANAI S

Encontros Brincantes: O uso de procedimentos apresentativo-expressivos na pesquisa e na clínica winnicottiana

Tania Maria José Vaisberg

Yára Bastos Corrêa

Fabiana Follador e Ambrosco

**Departamento de Psicologia Clínica do
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo**

RESUMO: Utilizamos, há alguns anos, procedimentos apresentativo-expressivos tanto no desenvolvimento de pesquisa-intervenção clínico-social como em arteterapia, considerando que tanto o sujeito individual como o coletivo podem receber atenção psicoprofilática e psicoterapêutica. Articula-se um enquadre caracterizado pela apresentação de materialidade mediadora capaz de servir de suporte para a expressão subjetiva, considerando-se que estes procedimentos, tal como a psicoterapia em geral e o jogo do rabisco em particular, podem ser considerados como formas sofisticadas de brincar que tem lugar em campo intersubjetivo capaz de conter a presentificação do self individual ou coletivo. Entende-se, assim, que a intersubjetividade é a dimensão fundante do ser humano. No encontro genuíno, um ambiente humano suficientemente bom contribui para que o gesto espontâneo possa acontecer diante de outra presença que o reconheça, inaugurando a possibilidade de transformações na vida individual e coletiva.

Segundo Winnicott (1963), o conhecimento psicanalítico pode ser útil de duas maneiras: quando se pratica análise padrão ou quando se é um psicanalista fazendo algo mais apropriado numa determinada situação humana. A sensatez dessa colocação é tocante quando se vive em um país em que são dramáticas as condições de vida da maioria da população, na cidade e no campo. Tal fato instiga a busca

de formas mais apropriadas de usar a psicanálise em nosso contexto, desafio ao qual temos respondido com a proposição de práticas institucionais tais como a arteterapia grupal e a pesquisa-intervenção clínico-social.

Ainda que seja indispensável uma discussão epistemológica, a partir da qual possa ficar absolutamente claro como que é possível e viável a transferência de conhecimento originalmente obtido no consultório particular para outras situações de vida, não pretendemos nela nos deter, limitando-nos, neste momento, a remeter o leitor ao estudo da contribuição de Fábio Herrmann, autor que demonstra como se pode ser psicanalista fora do dispositivo padrão observando o mais absoluto rigor metodológico¹. Aqui nos propomos considerar, após breve descrição das práticas que temos desenvolvido, os fundamentos pelos quais os chamados procedimentos projetivos podem se constituir como concretizações do método psicanalítico, ressaltamos de que modo seu parentesco fica particularmente claro quando são vistos como modalidades do enquadre transicional de trabalho².

A pesquisa-interventiva psicanalítica de representações sociais

Desenvolvemos, há vários anos, um trabalho clínico-social que chegou a ser identificado como pesquisa-intervenção psicanalítica de representações sociais. A origem deste fazer é o comprometimento com a transformação das práticas sociais relativas ao paciente psiquiátrico e outros excluídos sociais³ (Vaisberg, 1994). No campo da psicologia social da exclusão, os estudos mostravam a necessidade de ultrapassar uma articulação meramente sócio-cognitiva (Jodelet, 1989^a;b), em busca do

¹ A produção escrita de Fábio Herrmann é bastante extensa e acessível ao leitor brasileiro. Sua obra seminal é o Método da Psicanálise, atualmente editado pelas Artes Médicas. Uma visão da contribuição de outros pesquisadores pode ser encontrada em Sagawa (1999). Além disso, um bonito exemplo de uso de sua teoria dos campos em pesquisa é proporcionado pela tese de doutorado de Marion Minerbo, editada em livro pela Casa do Psicólogo.

² Temos indicado que o enquadre transicional de trabalho pode ser utilizado em trabalhos clínicos, pedagógicos e de pesquisa-intervenção (Vaisberg, 1999). Como veremos adiante, talvez a expressão "enquadre transicional", no contexto de uso do método psicanalítico, acabe tendo o valor de um pleonasma. Contudo, pode ser interessante mantê-la, tendo em vista o interesse em ressaltar determinados aspectos das práticas em questão.

³ Informações sobre trabalhos nesta linha, realizados tanto no Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Social do IPUSP, como por integrantes do GERES, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, além de iniciativas aparentadas realizadas por outros pesquisadores, pode ser encontrada em Vaisberg (1999a).

estudo das dimensões afetivo-emocionais do imaginário coletivo (Joffe, 1994;1996;1998). Neste momento, a psicanálise apresentou-se como um caminho promissor, quando se entende que fenômenos coletivos podem ser produtivamente abordados a partir do método psicanalítico. Foi, deste modo, possível propor e realizar pesquisa-intervenção voltada à identificação e transformação de representações coletivas (Vaisberg, 1995, 1996,1997,1999), apoiando-nos, em função de sua clareza epistemológica, na sistematização do campo das ciências humanas, tal como foi proposta por Bleger (1984).

Bleger é leitor de Politzer (1928), que, como sabemos, apontou enfaticamente a existência, no interior da obra freudiana, de uma duplicidade discursiva, na qual coexistem uma metapsicologia causalista e mecanicista e uma visão revolucionária do homem enquanto sujeito concreto, vale dizer, cujos atos estão sempre dotados de sentido. Buscando a superação dos postulados positivistas, Bleger (1958) realizou um trabalho de ordenação epistemológica que possibilita uma correta apreensão do processo de construção do objeto teórico. Opondo-se ao positivismo, que entende que o objeto do conhecimento científico é múltiplo e o seu método único, afirma Bleger que o objeto, o homem, é único, e são múltiplos os métodos. As representações sociais, como todos os fenômenos humanos, são manifestações ou *condutas*, que se podem expressar de modo simbólico, corporal ou gestual, em âmbitos individuais ou coletivos. Como recorte particular, as representações sociais são um conjunto de condutas que se define por ocorrer em área simbólica e em âmbito coletivo, correspondendo, portanto, a *manifestações simbólicas de subjetividades grupais*⁴.

O estudo psicanalítico das representações sociais corresponde à adoção de uma perspectiva específica de análise, que se realiza mediante a busca do campo ou inconsciente relativo representacional, vale dizer, dos determinantes lógico-emocionais de acordo com os quais se estrutura a representação (Herrmann,1997). É, pois, um equívoco pensar o inconsciente em termos substanciais ou sistemáticos (Bleger 1984), ainda que se possa perfeitamente buscar a motivação inconsciente das condutas individuais e coletivas. Entre as condutas possíveis

⁴ Evidentemente, pode-se considerar as representações sociais como condutas de subjetividades grupais na medida em que não se restringe o conceito de subjetividade à personalidade individual. Pode-se ter acesso a uma interessante discussão sobre a idéia de sujeito coletivo em Goldmann (1974).

de receberem atenção do clínico, destacamos aquelas que emergem em condições que resultam da instauração de um enquadre transicional de trabalho mediante o recurso aos chamados procedimentos projetivos⁵.

Procedimentos projetivos e enquadre transicional na pesquisa-intervenção

O interesse pela transformação elaborativa do inconsciente relativo, que caracteriza a pesquisa-intervenção psicanalítica sobre representações sociais, motivou a busca de procedimentos que tanto facilitassem a expressão subjetiva como aumentassem a possibilidade de elaborações mutativas, levando, inclusive, em conta, o fato de que o sofrimento do sujeito coletivo, no que tange à exclusão social de uma alteridade temida, nem sempre motiva os indivíduos a participar de propostas de trabalho grupal. Há, portanto, que facilitar esta participação, buscando formas de trabalho atraentes e tranquilizadoras. Em minha experiência, os chamados procedimentos projetivos, considerados sob a ótica da transicionalidade, tem-se revelado recursos preciosos no estabelecimento do enquadre produtivo de trabalho.

Os testes projetivos receberam, durante muito tempo, "aperfeiçoamentos" que visavam aproximá-los dos psicométricos, mais aceitáveis do ponto de vista positivista. Entretanto, o próprio desenvolvimento das ciências e da filosofia produziu uma crítica enfática do ideal de objetividade neutra e de busca da não-interferência do pesquisador sobre o fenômeno estudado. Esta mudança de rumos afetou a reputação dos métodos projetivos, que ganham, assim, certa respeitabilidade. De instrumentos deficientes de medida, passam a ser vistos como prática dialógica entre sujeitos, no contexto de investigações que buscam o sentido de manifestações humanas. Como forma especial de diálogo, caracterizam-se pelo seu aspecto fundamentalmente lúdico, como proposta de brincadeira sofisticada. Deste modo, a noção winnicottiana (1971), segundo a qual a psicoterapia deve ser compreendida como sobreposição das áreas de brincar do terapeuta e do paciente, pode, a nosso ver, ser perfeitamente transposta para o que ocorre na pesquisa-intervenção institucional que faz uso dos procedimentos conhecidos como projetivos. De acordo com a nossa experiência, o sujeito coletivo está, em geral,

capacitado a brincar⁶, quando certos cuidados, em termos de condução grupal, são tomados⁷. Conforme já houve ocasião de ressaltar (Vaisberg e Machado, 1997), quando, no trabalho com grupos, são propostas atividades que tem potencial expressivo, ensejando o brincar, um diálogo se estabelece a partir de manifestações, verbais ou gestuais, que fazem uso da imaginação simbólica. Ou seja, um diálogo lúdico possibilita o encontro intersubjetivo, a partir do qual a experiência de atribuição partilhada de novos sentidos ao material aí produzido pode liberar novas formas de pensar e de agir.

Procedimentos "projetivos" na arteterapia de inspiração winnicottiana

Se mesmo a psicanálise padrão é uma forma sofisticada de brincar, temos ficado muito impressionadas com os efeitos clínicos provocados pelo oferecimento de uma visibilidade mais imediata da dimensão lúdica, tal como ocorre quando fazemos uso dos procedimentos "projetivos". Tomamos, assim, a iniciativa de usar o procedimento de desenhos estórias em psicoterapia grupal realizada em instituições psiquiátricas (Vaisberg, 1992), constatando sua potencialidade como propiciador da instalação de um campo intersubjetivo lúdico e produtivo no atendimento a psicóticos, o que nos motivou a idealizar atendimentos caracterizados pela disponibilização de diferentes materiais mediadores, tais como o papel artesanal e os arranjos florais (Vaisberg, 1999b).

O simples fato de fazer uso uma mediação, tal como a pintura, a escultura, o arranjo floral, a invenção de estórias e desenhos ou o teatro, não significa, por si mesmo, que se esteja desenvolvendo arteterapia, ainda que, efeitos terapêuticos possam daí advir, evi-

⁶ Neste momento é importante destacar que não temos tido experiência com situações de crise que tenham chegado a ameaçar de modo violento e imediato a integridade física e psíquica de seres humanos, ainda que venhamos tendo contato com instituições duras como o hospital psiquiátrico, o manicômio judiciário e outras, num país em que grande parte da população é vítima de difíceis condições de vida.

⁷ Para além de um domínio das conhecidas técnicas de dinâmica de grupo, refiro-me aqui aos cuidados tomados pelo clínico sensível quando trabalha em situações grupais. Uma interessante contribuição acerca do que propicia este tipo de trabalho foi feita pelo Prof. Dr. Gilberto Safra, em comunicação pessoal, quando ressaltou que provavelmente um bom manejo grupal leva em conta os participantes, respeitando processos que ocorrem naturalmente quando seres humanos são confrontados com situações novas, conforme foi demonstrado por Winnicott (1941) no caso específico de atendimento a bebês e suas mães.

⁵ O leitor interessado numa demonstração do uso do método psicanalítico a partir de "material projetivo" pode consultar Vaisberg, 1999a.

dentemente. Na verdade, o mesmo tipo de ambientação pode servir para fins ocupacionais, pedagógicos ou de lazer. Por outro lado, o uso da arte com objetivos psicoterapêuticos pode ser realizado a partir de outros referenciais teóricos (Andrade, 1996). Entretanto, quando se trata de arteterapia na clínica winnicottiana, todo e qualquer material é oferecido de acordo com os princípios que fundamentam o uso do jogo do rabisco. O profissional não precisa ser um artista habilidoso, e sim um amador, no sentido mais amplo e profundo do termo, ou seja, alguém que "gosta" de participar de uma certa brincadeira, mas também está disponível e aberto para outras formas de expressão (Winnicott, 1968).

A arteterapia de inspiração winnicottiana se faz a partir do reconhecimento de que a coexistência, a intersubjetividade, é a dimensão fundante do existir humano, de modo que toda psicoterapia é potencialmente encontro humano devotado. A relação mãe-lactente, sendo cronologicamente anterior a todas as outras relações, no âmbito individual, é um caso particular de encontro humano, aquele que tem lugar quando o nascimento biológico teve lugar mas o ser humano ainda não "chegou" ao mundo humano, requerendo, por isso, uma parceria absolutamente especial. Por outro lado, todo e qualquer encontro, atinja ou não níveis profundos de regressão (Winnicott, 1954), se faz verdadeiramente quando alguma devoção pode acontecer. O trabalho de Chamusca (2000) é um exemplo muito interessante de como o fenômeno da devoção pode iluminar o entendimento da relação professor aluno, não porque esta deva reproduzir a relação mãe-bebê, mas sim porque ambas podem ser casos particulares de encontros humanos verdadeiros. Tomando o filósofo Lévinas (1971) como referência que se harmoniza com o pensamento winnicottiano, diremos que o reconhecimento da subjetividade como sensibilidade descortina a importância do ser em presença, do encontro, no qual eu me mostro ao outro que também se mostra como o "Rosto", que traz em si a total nudez e fragilidade humanas ao mesmo tempo em que se apresenta como vestígio do mistério de uma grandeza que nos ultrapassa.

Fundamentos transicionais dos procedimentos apresentativo-expressivos

A partir de seus objetivos terapêuticos, o atendimento que realizamos se define basicamente por dois aspectos: pelo modo como se fará a apresentação do material mediador e pelo modo de intervenção do terapeuta (Vaisberg, 1999b). Em busca de maior clareza conceitual,

propomos que a expressão "procedimentos projetivos" seja substituída por "procedimentos apresentativo-expressivos", deixando de apelar para a idéia de projeção para enfatizar, de saída, o encontro intersubjetivo no qual pode acontecer um "diálogo" que tem início exatamente na apresentação do objeto.

Refletir sobre o que acontece em relações de cuidado marcadas por forte assimetria pode ser um caminho interessante para pensar a clínica, desde que não nos deixemos enfeitiçar pela inspiração. Na vida humana, o modelo mais comum deste tipo de relação, em termos de normalidade de vida, é, sem dúvida, a relação mãe-bebê. Seja, então, permitido refletir sobre dispensa de cuidados fazendo uso desta relação, sem contudo pensar todo paciente como bebê. Aliás, é fundamental pensar cada encontro em sua singularidade, sem o que nos retiramos do contato genuíno que todo atendimento requer, tornando-nos semelhantes a um falso self que imita uma atitude materna fixa (Winnicott, 1955)⁸.

De acordo com Winnicott (1949a), uma das tarefas maternas iniciais é a apresentação de objeto, que consiste em fornecer ao bebê o objeto necessitado exatamente no momento em que está pronto a esperar algo. Este aparecimento oportuno permite que o bebê "crie" o que já estava aí para ser encontrado. A importância desta experiência é clara: habilita o bebê a acreditar que o mundo possa conter o necessitado, o desejado. Trata-se de uma experiência ilusória, na qual o objeto existe dentro da área de controle onipotente do indivíduo. Se tudo correr bem, o indivíduo poderá, mais tarde, abdicar deste domínio, inaugurando-se, a partir daí, a possibilidade de vivenciar o objeto como real, por existir independentemente da vontade que o sujeito. Quando o objeto externo puder sobreviver à destrutividade do sujeito (Winnicott, 1968), um contato maduro com a realidade compartilhada será realmente possível. Para facilitar a apreensão do processo, é lícito pensar no seio, primeiro objeto da experiência. Entretanto, como diz Winnicott (1949b), nada menos que o mundo é o que a mãe apresenta ao bebê, ainda que "em pequenas doses".

De acordo com Safra (1995), a compreensão do fenômeno de apresentação de objeto é fundamental para que a interpretação possa ser criada/encontrada construtivamente pelo paciente. Entretanto, além de

⁸ Diz Winnicott (1955): "No caso favorável, o falso self desenvolve uma atitude materna fixa para com o self verdadeiro..." (pg. 485).

apresentar a interpretação, Winnicott (1968) apontou caminhos para apresentação de objetos mediadores que, encontrados/criados, respondem às necessidades expressivas do paciente, quando compartilhou, com seus leitores, seu modo absolutamente pessoal de propor o jogo do rabisco. Na arteterapia acontece tanto a disponibilização de materiais mediadores como das intervenções, sejam estas verbalizações ou atos terapêuticos que expressam uma compreensão humana do que aí se passa.

Evidentemente, a apresentação do material mediador e das interpretações só é possível quando o terapeuta está suficientemente sensibilizado com as questões existenciais trazidas pelos pacientes, flexibilizando-se emocionalmente para um encontro potencialmente mutativo. Há também que existir, ao lado da disponibilidade emocional do terapeuta, um conhecimento aprofundado, através de apropriação pessoal, do desenvolvimento emocional humano e das diferentes formas do sofrer psiquicamente expresso, que são o avesso do primeiro. A apropriação pessoal do conhecimento respeita o estilo individual e se realiza quando o vínculo com a teoria não é submisso (Vaisberg, 1998). Tanto o material escolhido, com as expressões interpretativas, presentificarão movimentos criativos do psicoterapeuta, configurando a arteterapia como "superposição de duas áreas de brincar" (Winnicott, 1971).

Torna-se oportuna, neste contexto, a substituição do termo "projetivo" para "apresentativo-expressivo"⁹. Sabemos que o verdadeiro "uso do objeto" só se pode fazer quando o fenômeno da projeção cessa (Winnicott 1968), o que nos conduziu a um esclarecimento preciso acerca da natureza exata do fenômeno projetivo. A partir da aceitação da diferenciação entre relação e uso, fica evidente que a arteterapia se propõe como uso do objeto, mesmo quando o paciente, em função de suas limitações, ainda não está maduro para isto. Assim, o paciente mais regredido lidará com o material mediador projetivamente, através de identificações, na medida em que ainda não estiver preparado para, através da experiência de destruição, chegar ao uso do objeto. Se o uso depende do amadurecimento emocional, para o qual a arteterapia visa colaborar, não parece conveniente conservar o termo projetivo, que corresponde justamente à forma menos desenvolvida de vinculação com o material apresentado.

⁹ Fomos instigadas a refletir sobre esta questão a partir dos encontros do Laboratório da Transicionalidade, onde temos tipo o privilégio de entrar em contato com o pensamento clínico do Prof. Dr. Gilberto Safra.

Na sessão de arteterapia, tanto o material como as intervenções, verbais ou gestuais, são apresentadas pelo psicoterapeuta, com o objetivo de propiciar condições suficientemente boas para um desenvolvimento emocional que capacite o indivíduo a expressar-se, fazendo-se presença. Nesta presentificação, que se realiza no encontro intersubjetivo, o paciente pode chegar a "...encontrar-se nos produtos de suas experiências criativas" (Winnicott, 1971, pg. 80). Enquanto este tipo de experiência não puder ser alcançado, os esforços serão feitos no sentido de possibilitar a aquisição da capacidade de brincar. A criatividade que aqui interessa, portanto, é aquela que não tem a ver com nenhum tipo de virtuosismo ou aclamação, e sim com a vida comum, com a possibilidade do indivíduo se sentir realmente vivo.

Percebe-se portanto, que a palavra arteterapia, sob inspiração winnicottiana, tem sentido se pensarmos na arte como parte integrante de um meio suficientemente bom. O objetivo não é outro senão curar. Esta palavra tem, curiosamente, uma dupla acepção, como indica Herrmann (1991). Serve, assim, tanto para conotar o cuidado e o zelo, tal como é usada no campo médico e no jurídico, como também para referir o processo de produção de queijos, significando, neste caso, o procedimento requerido para o completo desenvolvimento de suas potencialidades e características singulares. Na clínica winnicottiana a cura tem exatamente os mesmos sentidos porque cuidar, visando a diminuição do sofrimento, é simultaneamente facilitar a busca, sempre presente, de realização do ser e viver de cada um. Aqui vemos que o esquema desenvolvimentista-regressivo, que vem caracterizando a psicopatologia, sendo estreito quando usado de modo rígido e mecânico, de acordo com noções tais como fase, regressão e fixação, pode apontar para uma verdade: que o sofrimento está fundamentalmente ligado a impossibilidade de "acontecer" criativamente, como singularidade humana, ao longo das algumas décadas da vida.

Bibliografias

- Andrade, L.Q. Terapias Expressivas. *IMAGENS DA TRANSFORMAÇÃO*, 3 (3), 39-45, 1996.
- Bleger, J. *PSICOLOGIA DA CONDUTA*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- Bleger, J. *PSICOANÁLISIS Y DIALÉTICA MATERIALISTA*. Buenos Aires, Paidós, 1958.
- Chamusca, V.S. Em busca do tempo que não se perdeu. Dissertação de Mestrado, São Paulo, FEUSP, 2000.
- Herrmann, F. *ANDAIMES DO REAL. O METODO DA PSICANÁLISE*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

- Goldmann, L. El sujeto de la creación cultural. In Varios SOCIOLOGIA CONTRA PSICOANALYSIS. Barcelona, Martinez Roca, 1974.
- Grolnick, S. WINNICOTT: O TRABALHO E O BRINQUEDO. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
- Hopkins, B. (1997) Winnicott e a capacidade de acreditar. LIVRO ANUAL DE PSICANÁLISE, Escuta, 1999.
- Jodelet, D. LES REPRESENTATIONS SOCIALES. Paris, P UF, 1989.
- Jodelet, D. FOLIE ET REPRESENTATIONS SOCIALES. Paris, PUF, 1989.
- Joffe, H. "Eu não", "O meu grupo não": representações sociais transculturais da Aids. In S. Jovchelovitch e P. Guareschi TEXTOS EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. Petrópolis, Vozes, 1994.
- Joffe, H. The shock of the new: a psycho-dynamic extension of social representations theory. JOURNAL OF THE THEORY OF SOCIAL BEHAVIOR, 26 (2), 197-220, 1996.
- Joffe, H. Degradação, desejo e o outro. In A. Arruda REPRESENTANDO A ALTERIDADE. Petrópolis, Vozes, 1998.
- Lévinas, E. (1971) TOTALITÉ ET INFINI. Paris, Kluwer Academic, 1987.
- Minerbo, M. ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO EM PSICANÁLISE. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000.
- Politzer, G. (1928) CRITICA DE LOS FUNDAMENTOS DE LA PSICOLOGIA. Barcelona, Martinez Roca, 1972.
- Sagawa, R. A TEORIA DOS CAMPOS NA PSICANÁLISE. São Paulo, HePsyché, 1999.
- Silva, M.E.L. Pensar em Psicanálise. In M.E.L. (org) INVESTIGAÇÃO E PSICANÁLISE. Campinas, Papirus, 1993.
- Vaisberg, T.M.J.A . (1992) in Tofolo, T.M.J.A . e Borges, T.W. Group psychotherapy of psychotic patients in public mental health. 11 th International Congress of Group Psychotherapy. Book of Abstract, B206, Canada, 1992.
- Vaisberg, T.M.J.A (1994) in Tofolo, T.M.J.A . Representações Sociais de Portadores de Deficiências. BOLETIM DE PSICOLOGIA, 44 (100-101), 55-60, 1994.
- Vaisberg, T.M.J.A . O uso de procedimentos projetivos na pesquisa de representações sociais: projeção e transicionalidade. PSICOLOGIA-USP, 6 (2), 103-127, 1995.
- Vaisberg, T.M.J.A. O uso de procedimentos projetivos na pesquisa sobre representação social: a perspectiva clínica. In R.M.L.L. Carvalho REPENSANDO A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO: DA INFORMAÇÃO À DESCOBERTA. Campinas, Alinea, 1996.
- Vaisberg, T.M.J.A . Investigação de Representações Sociais. In W. Trinca FORMAS DE INVESTIGAÇÃO CLÍNICA EM PSICOLOGIA. São Paulo, Vetor, 1997.
- Vaisberg, T.M.J.A . Encontro com a Loucura: Transicionalidade e Ensino de Psicopatologia. Tese de Livre Docência. São Paulo, IPUSP, 1999a.
- Vaisberg, T.M.J.A . Arteterapia para Crianças. PEDIATRIA MODERNA, 35 (8), 654-662, 1999B.
- Vaisberg, T.M.J.A . e Machado, M.C. L. Psicoprofilaxia Grupal na Clínica Winnicottiana: Aproximando Teoria e Prática. In I.F.M. Catafesta A CLINICA E A PESQUISA NO FINAL DO SÉCULO: WINNICOTT E A UNIVERSIDADE. São Paulo, IPUSP, 1997.

- Winnicott, D.W. (1941) A observação de bebês em uma situação estabelecida. DA PEDIATRIA À PSICANÁLISE. Rio, Francisco Alves, 1978.
- Winnicott, D.W. (1949a) A mente e sua relação com o psique-soma. DA PEDIATRIA À PSICANÁLISE. Rio, Francisco Alves, 1978.
- Winnicott, D.W. (1949b) El mundo en pequeñas dosis. CONOSCA A SU NIÑO. Buenos Aires, Paidós, 1962.
- Winnicott, D.W. (1954) Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do setting analítico. DA PEDIATRIA À PSICANÁLISE, Rio, Francisco Alves, 1978.
- Winnicott, D.W. (1962) Os Objetivos do Tratamento Psicanalítico. O AMBIENTE E OS PROCESSOS DE MATURAÇÃO. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- Winnicott, D.W. (1968) O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. O BRINCAR E A REALIDADE. Rio, Imago, 1975.
- Winnicott, D.W. (1968) O Jogo do Rabisco. In C. Winnicott, R. Sheperd e M. Davis EXPLORAÇÕES PSICANALÍTICAS. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- Winnicott, D.W. (1971) O BRINCAR E A REALIDADE. Rio, Imago, 1975.
- Winnicott, D.W. (1988) Variedades Clínicas da Transferência. In D.W. Winnicott Da Pediatria à Psicanálise. Rio de Janeiro: Francisco Alves (Original publicado em 1955)